

## EDITORIAL

### Terror e Democracia: A Importância de uma Cultura Pública

---

#### **The Fascination of What's Difficult**

*The fascination of what's difficult  
Has dried the sap out of mein veins, and rent  
Spontaneous joy and natural content  
Out of my heart. There's something ails our colt  
That must, as if it had not holy blood  
Nor on Olympus leaped from cloud to cloud,  
Shiver under the lash, strain, sweat and jolt  
As though it dragged road metal. My curse on plays  
That have to be set up in fifty ways,  
On the day's war with every knave and dolt,  
Thatre business, management of men.  
I swear before the dawn comes round again  
I'll find the stable and pull out the bolt.*

W. B. Yeats

O título do Editorial é o tema do Primeiro Colóquio da revista **Interações** que terá lugar a 12 de Fevereiro do próximo ano. Os colóquios passam a ser anuais e representam a reciprocidade entre o esforço de publicação de trabalho analítico e a organização de discussões públicas sobre temas centrais da vida contemporânea. O terror pós-11 de Setembro recolocou de forma muito intensa a questão da responsabilidade da teoria e da prática crítica na cultura pública. A expressão cultura pública ganhou prestígio no vocabulário crítico con-

temporâneo, a partir sobretudo dos anos 90, para referir como a identidade e a diferença tomam parte numa cultura cívica democrática. Neste sentido, o terror não é apenas a mais evidente actividade anti-democrática, mas inerentemente um movimento contra a cultura pública. A desprofissionalização e o uso meramente oportuno das palavras terror e terrorismo constitui elemento fundamental de uma crise de linguagem. Um refrão familiar é que o terrorismo não é apenas o terrorismo político dos fundamentalistas islâmicos ou dos zelotas do IRA ou da ETA, mas o regime económico pós-industrial e a globalização da economia seriam basicamente práticas de terror. O antropólogo americano Michael Taussig<sup>1</sup> refere, numa passagem célebre, que o colonialismo é intrinsecamente um ‘espaço do terror’. As elites pós-coloniais, claramente fundadas na exploração das suas populações, gostam de identificar este terror consigo próprias e considerarem-se as vítimas do ‘terror’ ocidental. E Noam Chomsky<sup>2</sup> designou por ‘cultura do terrorismo’, no final dos anos 80, a política externa americana, uma ruminação muito em voga hoje com as críticas contra a eventual guerra no Iraque e o suposto ‘terrorismo’ da administração Bush. Por outro lado, o envolvimento de muitos regimes e estados nacionais, no terceiro mundo e na Europa oriental ‘pós-comunista’, na destruição da sua própria população constitui o terror e a prática terrorista não como uma ameaça às instituições do estado, mas como a própria forma como o terror de estado dissemina a tortura, a brutalidade e o roubo da cidadania<sup>3</sup>.

As perplexidades de 11 de Setembro instalaram, na academia e na sociedade, um desejo implícito de linguagem diante da falta de argumentos para explicar o que aconteceu. Um propósito do Colóquio é tornar o implícito explícito. O título do livro *How Did This Happen? Terrorism and the New War*, publicado pelo Council of Foreign Relations que edita a revista *Foreign Relations* (uma publicação com um estatuto quase oficial no mundo político e diplomático americano) não dá resposta à pergunta que faz, num repertório de artigos elegantes e bem documentados (ao estilo da *Foreign Relations*), mas que, rigorosamente falando, mantém intocada a questão de partida<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Michael Taussig, *Shamanism, Colonialism, and the Wild Man: A Study in Terror and Healing*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

<sup>2</sup> Noam Chomsky, *The Culture of Terrorism*. Boston: South End Press, 1988.

<sup>3</sup> *Death Squad: The Anthropology of State Terror*. Editado por Jeffrey A. Sluka. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2000.

<sup>4</sup> Editado por James F. Hoge, Jr., e Gideon Rose. Nova Iorque: PublicAffairs, 2001.

O oceano de programas de televisão, artigos de imprensa e livros parecem repetir, infinitamente, interpretações pouco persuasivas e os especialistas não parecem dizer mais do que as pessoas em geral dizem. A ironia é que este senso de impotência ocorre imediatamente a seguir a um período de cerca de vinte anos de debates veementes sobre as novas direcções da sociedade e da prática crítica que dominaram o final do século XX – crítica da modernidade, pós-modernismo, crítica pós-colonial, identidades híbridas, novas tecnologias, permutações entre virtualidade e realidade, crise das epistemologias universais e totalizantes, pós-humanismo e a morte do sujeito universal, a responsabilidade política da academia e do crítico<sup>5</sup> – e que prometiam tanta renovação do pensamento e direcções transformativas. Afinal, o que se instalou foi uma surpreendente ausência de vocabulário e de rumos para avaliar mudanças e vulnerabilidades fundamentais da cultura e da vida. Os livros instantâneos de Paul Virilio, Jean Baudrillard e Slavoj Zizek sobre o assunto, por exemplo, não parecem referir senão uma amarga inversão do ‘publish or perish’ numa morte publicada da reputação<sup>6</sup>. Esta procura de uma nova linguagem crítica, na sociedade e na academia, constitui uma prioridade da cultura pública contemporânea. O fascínio com o tema difícil do terror é sobretudo o sintoma desta urgência.

O meu artigo neste número da revista anuncia o tema do Colóquio e é o resumo de um livro que vai ser publicado em breve. O texto aborda o problema, do ponto de vista de que o terror é, em qualquer caso, dirigido à destruição do corpo físico. A figura dos ‘desaparecidos’ consagrada nos regimes militares e nos esquadrões da morte na América Latina de meados do século XX (mas que existe em todos os regimes do medo e da tortura) expressa a ambição do terror em fazer desaparecer o poder do corpo. O corpo que desaparece evoca uma persuasão comum às interpretações religiosas e à crítica anti-metafísica (o marxismo e a desconstrução) para observar a materialidade da mercadoria e da linguagem como uma fantasmagoria de aparição e re-aparição. A questão aqui é a luta pelo corpo (anti-racismo, sexualidade, luta contra a SIDA, beleza, comida, a consciência da mortalida-

---

<sup>5</sup> Jim Merod, *The Political Responsibility of the Critic*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1987.

<sup>6</sup> Paul Virilio, *Ground Zero*. Londres e Nova Iorque: Verso Books, 2002. Jean Baudrillard, *The Spirit of Terrorism and Requiem for the Twin Towers*. Londres e Nova Iorque: Verso Books, 2002. Slavoj Zizek, *Welcome to the Desert of the Real: Five Essays on September 11 and Related Dates*. Londres e Nova Iorque: Verso Books, 2002.

de de cada um, a esperança no reencontro) como caminhos cruzados da emancipação democrática e do crescimento espiritual e, por outro lado, a contraditória tendência da crítica secular para reunir teoria, mercadoria e profecia. O artigo seguinte, de Clara Pracana, é uma leitura estimulante da crise de comunidade e do drama da liderança, na Alemanha nazista, sob a perspectiva analítica da teoria dos grupos em Bion. Filipe Nunes Vicente explora, num texto francamente erudito, a ironia de que drogas hoje consideradas como substâncias perigosas e transgressivas têm raízes numa longa história cultural europeia, na qual as noções de lícito e ilícito eram mais complexas do que o formalismo moderno e atravessando vários regimes simbólicos, místicos e culturais. Sandra Santos de Oliveira apresenta uma retrospectiva da história da insanidade e da questão Foucaultiana do que significa ser louco, através de um cuidado resgate do modo como a loucura foi perspectivada na história ocidental, com especial atenção para a emergência da visão científica moderna e a revisão das formas tradicionais de patologização da loucura.

Os números anteriores desta revista incluíam, entre os ensaios críticos, um artigo oriundo da pesquisa realizada na Escola Superior de Altos Estudos do ISMT. Por outro lado, uma divisão da revista apresentava resumos de dissertações de mestrado defendidas na instituição desde 1999. A partir de agora, os resumos serão substituídos pela divisão 'Artigos e Dissertações', o número de artigos da ESAE passam a ser três e a constituir aquela secção própria. O objectivo é dar maior destaque à produção científica da escola de estudos de pós-graduação do ISMT. Além disso, a pesquisa científica hoje necessita ser compreendida em termos das novas concepções da prática e da produção do conhecimento. A academia é cada vez mais influenciada pelas solicitações que vêm da sociedade e da 'economia de ideias'<sup>7</sup>. Por sua vez, práticas profissionais e estratégias de carreira são crescentemente influenciadas por actividades e procedimentos do mundo escolarizado e académico. Certas grandes empresas concedem mesmo sabáticas a seus membros para prosseguirem estudos, escreverem artigos ou darem cursos e conferências. O espírito da Escola Superior de Altos Estudos é orientado por estas interacções entre diversas práticas de pesquisa numa sociedade onde a mercado-

---

<sup>7</sup> Zane Ma-Rhea, 'The Economy of Ideas: Colonial Gift and Postcolonial Product'. In *Relocating Postcolonialism*. Editado por David Theo e Ato Quayson. Oxford e Malden, MA, USA: Blackwell Publishing, 2002. pp. 205-16.

ria é o conhecimento. A noção de ‘cultura popular’ hoje passou a ser o melhor sintoma destas alterações. Na cultura electrónica de consumo o que é ‘popular’ é a grande tecnologia consumível e privatizável em telemóveis, computadores e DVDs permanentemente tornados obsoletos por um produto mais uptodate e esta renovação vertiginosa da tecnofilia resulta, precisamente, da desdiferenciação entre pesquisa, produção e consumo. A formação e a investigação na ESAE, por um lado, fornece recursos para aqueles que estão na carreira do ensino superior e que preparam suas teses de mestrado. Por outro, os mestrados e pós-graduações servem também à crescente qualificação de outros sectores profissionais. A inclusão, a partir de Março do próximo ano, de Masters of Science e MBAs expressa o investimento do ISMT na realidade do mercado do conhecimento.

Uma vez que o consumo na sociedade contemporânea é o consumo de conhecimento, a relação entre as escolas de ensino superior e pós-graduação e o mercado constitui uma discussão prioritária. O debate corrente é se as escolas simplesmente respondem a solicitações da sociedade por novo conhecimento e educação ou se a própria escola produz novas áreas de interesse e trabalho, criando o próprio mercado. A questão poderá ser colocada de forma mais produtiva e menos reificada, compreendendo as sobreposições actuais entre a escola – cada vez mais informada pelo crescimento da diversidade cultural e política da sociedade – e a comunidade – crescentemente tecnológica, especializada e assistida. Esta é, inerentemente, uma interacção criadora de cultura pública.

Outra alteração na revista, a partir deste número – no quadro desta discussão – é a mudança do regime de copyright que passará ser © do Autor, substituindo o regime anterior, segundo o qual a publicação de um texto submetido implicava a cessação de direitos autorais a esta revista. Esta alteração é um compromisso com a liberalização do trabalho intelectual e do trabalho crítico publicado ou, precisamente, a ideia de que não existe cultura e mercado do conhecimento sem a plena propriedade criativa do autor.

O Editor